



Lidar com incidentes antissemítas

*Material
pedagógico*

8

1. Aumentar o conhecimento sobre a população judaica e o judaísmo
2. Ultrapassar preconceitos inconscientes
3. Abordar preconceitos e estereótipos antissemitas
4. Desconstruir as teorias da conspiração
5. Ensinar sobre antissemitismo através da educação sobre o Holocausto
6. Abordar a negação, a distorção e a banalização do Holocausto
7. O antissemitismo e o discurso da memória nacional
- 8. Lidar com incidentes antissemitas**
9. Lidar com o antissemitismo online
10. O antissemitismo e a situação no Médio Oriente

Lidar com incidentes antissemitas

É importante que todas as pessoas possam viver num ambiente seguro, na escola, no bairro ou no local de trabalho, e que sejam aceites por quem são. Este é um direito humano fundamental. Infelizmente, é muito comum as pessoas serem excluídas ou ridicularizadas por serem diferentes de alguma forma. Mesmo quando existem espaços seguros e inclusivos, onde a diversidade é valorizada e os conflitos são tratados de forma produtiva, podem ocorrer incidentes num contexto geral que podem afetar o sentimento de pertença e segurança de uma pessoa.

Os incidentes antissemitas violam direitos fundamentais, como o direito à igualdade de tratamento, à dignidade humana e à liberdade de religião e crença. A educação baseada nos direitos humanos garante e promove os direitos humanos dos alunos, nomeadamente o direito dos alunos judeus a um ambiente de ensino sem antissemitismo. Como acontece com todas as formas de intolerância, o antissemitismo pode surgir na sala de aula, na escola e nas comunidades. Pode ser

tão simples como uma expressão comum cuja origem não é conhecida, mas que afeta negativamente um aluno e tem o potencial de evoluir para a intimidação ou graffiti ofensivos. Podem ocorrer incidentes na comunidade geral que recebam uma atenção considerável da imprensa e sejam motivo de debate entre os pais e a sociedade. Seja qual for a forma que o incidente assuma, estes acontecimentos representam um desafio que os professores, a direção e os funcionários da escola têm de estar preparados para resolver. Se estes incidentes não forem resolvidos nas escolas, a situação pode levar à normalização dos preconceitos ou evoluir para comportamentos mais violentos e, em última análise, um ambiente educativo menos seguro e inclusivo para alunos e professores.

Os valores democráticos, os direitos humanos, o respeito mútuo e especialmente uma cultura de civismo podem ajudar a estabelecer um ambiente sem incidentes resultantes do ódio e dos preconceitos. As escolas podem aumentar a resistência a tais incidentes

se promoverem um ambiente onde os direitos humanos e a diversidade são respeitados em toda a sua comunidade. Os professores e a direção devem reforçar estes valores através do seu próprio comportamento, promovendo também a compreensão dos direitos humanos pelos alunos e desenvolvendo a sua empatia. A adoção de uma única abordagem em toda a escola é o método mais eficaz para cultivar um ambiente inclusivo, e essa abordagem deve integrar uma grande variedade de atividades que envolvam os funcionários da escola a todos os níveis. Estes valores democráticos devem ser refletidos nas políticas escolares e na qualidade e conteúdo dos currículos e materiais de ensino, e também na abordagem proativa e reativa da direção da escola a estes incidentes. Este material pedagógico apresenta informações sobre o tipo de incidentes antissemitas que podem ocorrer, e facultar orientações sobre algumas das formas como os professores podem abordar estes incidentes para evitar que se repitam ou evoluam.

Contexto

Os incidentes antissemitas podem assumir a forma de atos ou expressões de intolerância e hostilidade anti-judaica, que podem ser subtis ou flagrantes. A maioria dos incidentes que ocorrem nas escolas não constituem crimes, mas são nocivos porque contribuem para gerar ódio. Para que se possa compreender a rapidez com que expressões intolerantes ou de ódio se podem transformar em incidentes que podem ser mais difíceis de controlar, é útil pensar no antissemitismo como uma máquina em que cada peça individual da engrenagem faz com que as outras se movam (ver diagrama).

Estudos demonstram que os jovens são particularmente vulneráveis a incidentes antissemitas e apresentam maior probabilidade de:

- serem vítimas de insultos verbais, assédio e ataques físicos antissemitas;
- testemunharem um ataque antissemita ou serem vítimas de discriminação antissemita;
- serem vítimas de ameaças pessoais, ataques online ou serem perseguidos de forma ameaçadora por serem judeus; e
- evitarem determinadas zonas locais ou considerarem mudar de local de residência por não se sentirem seguros por serem judeus.¹



*Crédito da imagem: CEJI — A Jewish Contribution to an Inclusive Europe (<<http://ceji.org/>>)

Muitas pessoas associam o antissemitismo ao Holocausto, mas continuam a aceitar os estereótipos antissemitas tradicionais sobre os judeus.² Estes estereótipos podem originar incidentes antissemitas.

¹ David Graham e Jonathan Boyd, “Understanding antisemitic hate crime: Do the experiences, perceptions and behaviours of Jews vary by gender, age and religiosity?”, Instituto de Investigação de Políticas Judaicas, fevereiro de 2017, <<https://www.osce.org/odihr/320021?download=true>>. Esta investigação foi preparada em resposta a um pedido do ODIHR e financiada pelo mesmo, e abrange o período que vai de 2008 a 2012.

² Ver, por exemplo, exemplos de tropos e memes antissemitas no Anexo 2 de *Addressing Anti-Semitism Through Education: Guidelines for Policymakers*, (Varsóvia: OSCE/ODIHR, 2017), pp. 80-83.

O discurso antissemita entre figuras públicas ou a população em geral e online é considerado um problema a nível global,³ até onde é relativamente raro ocorrerem especificamente incidentes violentos de antissemitismo.

Nos últimos anos, o antissemitismo tornou-se cada vez mais violento nalguns locais. Na região da OSCE, entre 2012 e 2018, foram assassinados diversos indivíduos por serem judeus, incluindo crianças e idosos.⁴

O antissemitismo incontestado ou crescente incentiva os jovens e as sociedades em geral a acreditar que o preconceito e a discriminação ativa (ou até mesmo os ataques) contra grupos específicos de pessoas são aceitáveis. Infelizmente, as comunidades escolares não estão isentas dos preconceitos que existem na sociedade. Se os funcionários escolares não gerirem adequadamente os incidentes antissemitas, é provável que a sua inação seja interpretada por alunos e professores como uma aprovação tácita dos sentimentos subjacentes. A ausência de resposta e condenação de tais atos enviará um sinal de que os responsáveis da escola atribuem pouca importância a estes incidentes ou aos direitos das pessoas afetadas.

EXEMPLOS DE INCIDENTES ANTISSEMITAS NAS ESCOLAS NA REGIÃO DA OSCE EM 2016

Este material pedagógico não consegue abranger todos os possíveis incidentes antissemitas que possam ocorrer. Com a apresentação de alguns exemplos, a mensagem mais importante é não ignorar nem adiar a resposta a este tipo de incidentes. As escolas devem responder rapidamente, adotar uma abordagem proativa e, sempre que necessário, pedir ajuda às organizações que foram criadas para ajudar as escolas a combater o antissemitismo.

Bélgica: no dia 17 de junho, um rapaz judeu de 12 anos que frequentava uma escola primária em Braine-le-Château foi vítima de um ataque antissemita cometido por três rapazes que incluiu o “tratamento com gás” — ser pulverizado com desodorizantes — nos balneários da escola. Este episódio ocorreu depois de o rapaz ter apresentado uma denúncia por intimidação em várias ocasiões.⁵

Alemanha: segundo os relatórios da polícia de 28 de outubro de 2016, um rapaz de 12 anos admitiu ter grafitado suásticas e o nome de Adolf Hitler em mais de

³ Ver, por exemplo, os inquéritos realizados pela Comissão Europeia (relatório do Eurobarómetro especial 484, 2018-2019) sobre a perceção de antissemitismo das populações gerais da UE, pela Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia (FRA) sobre as experiências e perceções de antissemitismo dos judeus em 12 Estados-Membros da UE (2018), e pelo Inquérito Global 100 de 2015 da Liga Antidifamação sobre antissemitismo.

⁴ No caso de França, houve o homicídio de: três crianças e o pai de duas delas no exterior de uma escola judaica (Toulouse, 2012), quatro de 29 pessoas mantidas reféns num supermercado kosher (Paris, 2015), e uma mulher judia de 67 anos que foi atirada da janela do seu apartamento no terceiro andar (Paris, 2017 — neste caso, o processo foi oficialmente caracterizado pelo procurador como crime de ódio antissemita e ainda está a decorrer). Na Bélgica, quatro pessoas foram mortas num tiroteio no Museu Judaico da Bélgica (Bruxelas, 2014). Na Dinamarca, um voluntário que fazia serviço de segurança no exterior da Grande Sinagoga de Krystalgade foi baleado e morto durante uma celebração de *bat mitzvah* (Copenhaga, 2015). Nos Estados Unidos, 11 pessoas morreram num tiroteio na sinagoga Tree of Life durante as cerimónias do Sabat (Pittsburgh, 2018 — neste caso, o processo ainda está a decorrer).

⁵ League Belge contre l'antisemitisme, “Un élève juif «gazé» avec des déodorants: ouverture d'une enquête à Braine-le-Château [Estudante judeu «gaseado» com desodorizante: investigação aberta em Braine-le-Château]”, 17 de junho de 2016 [em francês], <<http://lbca.be/newsletters/160620.html>>.

Para consultar um folheto sobre como reconhecer e confrontar graffiti de ódio, com exemplos dos símbolos que podem ser utilizados, ver o Folheto de Graffiti da United against Racism: <http://www.unitedagainstracism.org/wp-content/uploads/2014/05/GraffitiLeaflet_GB.pdf>.

11 locais de propriedade pública, entre os quais uma escola na cidade de Heimenkirch. O rapaz referiu que o fez porque estava entediado.⁶

Países Baixos: em junho, alunos do ensino secundário que se encontravam numa festa de finalistas na cidade de Schijndel cantaram sobre queimar judeus. Alguns dos finalistas começaram a cantar as letras “Juntos queimaremos os judeus, porque são quem arde melhor” — um cântico por vezes ouvido nos estádios de futebol do país.⁷

Noruega: em 21 de janeiro de 2016, o jornal norueguês *Aftenposten* noticiou que a escola secundária Foss, situada na capital norueguesa de Oslo, fora repreendida pelas autoridades regionais por não dar o devido apoio a um aluno judeu que fora vítima de intimidação cometida pelos seus colegas de turma, quando estes descobriram que era judeu. Os colegas de turma fizeram a saudação nazi, seguraram um cinzeiro à frente do rapaz e disseram-lhe nos duches que “aqui, as crianças norueguesas levam com água, mas tu levavas com gás”. Outro colega escreveu no Facebook “É uma pena que o Hitler não tenha terminado o trabalho”.⁸

Ucrânia: em 2018, uma professora de história de Lviv fez uma publicação nas redes sociais na qual deu os parabéns a Adolf Hitler pelo seu aniversário, dizendo que foi um “grande homem”. A professora em questão tinha ligações a grupos políticos de direita e fazia parte da assembleia municipal local. Apagou a publicação uma hora depois, mas esta já fora divulgada rapidamente na comunicação social de língua russa.⁹ Surgiram depois publicações mais antigas nas quais essa mesma professora felicitava os alunos por fazerem a saudação nazi no âmbito de um trabalho de história. Embora a professora tenha negado que foi ela a publicar a declaração, foi despedida uma semana após o escândalo.

Estados Unidos da América: em 2018, foi publicada nas redes sociais uma fotografia do baile de finalistas de uma escola secundária de Wisconsin que retratava alguns alunos do sexo masculino a fazer uma saudação nazi. Alguns alunos também pareciam estar a fazer uma saudação de supremacia branca. A escola condenou a foto e a polícia foi alertada para o ocorrido. Os agentes da polícia local auxiliaram a escola a investigar o incidente.¹⁰

⁶ Augsburg Allgemeine, “Zwölfjähriger verursacht Serie von Hakenkreuz-Schmierereien [Criança de 12 anos faz graffiti de uma série de suásticas]”, 28 de outubro de 2016 [em alemão], <<https://www.augsburger-allgemeine.de/bayern/Zwoelfjaehriger-verursacht-Serie-von-Hakenkreuz-Schmierereien-id39569102.html>>.

⁷ The Times of Israel, “«Jews burn the best», sing Dutch teens at graduation party”, 10 de junho de 2016, <<https://www.timesofisrael.com/jews-burn-the-best-sing-dutch-teens-at-graduation-party/>>.

⁸ Aftenposten, “Elven holdt et askebeger foran den jødiske gutten og sa: «Det er sånn ditt folk ser ut». [“Aluno pegou num cinzeiro diante de um rapaz judeu e disse “Tem a cara do teu povo.”], 18 de fevereiro de 2016 [em norueguês], <<https://www.aftenposten.no/norge/i/8qJA/Elven-holdt-et-askebeger-foran-den-jodiske-gutten-og-sa-Det-er-sann-ditt-folk-ser-ut>>.

⁹ Ver, por exemplo: “Поздравила в Facebook Гитлера с Днем рождения и потеряла работу: Скандальная история львовской учительницы [Desejou um feliz aniversário a Hitler no Facebook e perdeu o emprego: A escandalosa história de uma professora em Lviv]”, 112.UA, 25 de abril de 2018, <<https://112.ua/glavnye-novosti/pozdravila-gitlera-s-dnem-rozhdeniya-u-facebook-i-poteryala-rabotu-podrobnosti-skandala-so-lvovskoy-uchitelnicey-443166.html>>.

¹⁰ “Male students at an (almost) all-white high school gave a Nazi salute. Now officials want to figure out why”, James B. Nelson, Milwaukee Journal Sentinel, 12 de novembro de 2018, <<https://eu.usatoday.com/story/news/nation-now/2018/11/12/nazi-salute-baraboo-high-school-boys-wisconsin/1975695002/>>.

O que deve ter em conta ao lidar com incidentes antissemitas na escola:

- leve as denúncias a sério, para evitar exacerbar a situação e não provocar uma vitimização secundária;
- responda prontamente: uma resposta tardia poderá agravar a situação;
- se o incidente envolver vítimas individuais, certifique-se de que as necessidades físicas e psicológicas das vítimas terão uma resposta dada por profissionais qualificados, que devem integrar uma perspetiva de género no seu trabalho;
- inquiria imediatamente as testemunhas e tome notas claras e completas enquanto estas ainda tiverem a memória fresca;
- crie um espaço seguro onde as vítimas ou testemunhas se sintam confiantes de que não serão ouvidas por terceiros;
- escute atentamente o/a aluno/a, e lembre-se que denunciar um incidente pode ser perturbador e que o incidente também pode incluir outras formas de preconceito, como o preconceito baseado no género;
- demonstre respeito relativamente a todas as informações que recebe, tendo em conta que normalmente as vítimas têm medo de que não acreditem nelas;
- mantenha bons registos, reúna todas as provas disponíveis e certifique-se de que são devidamente guardadas;
- certifique-se de que utiliza os mecanismos de denúncia que já existem para lidar com incidentes de intolerância;
- em função do tipo de incidente, poderão ser necessários dois níveis de resposta: uma resposta administrativa/punitiva e outra pedagógica;
- ao planear a resposta, tenha em conta as necessidades potencialmente diferentes das vítimas do sexo masculino e do feminino, e também as perceções do incidente que podem ser influenciadas por estereótipos de género;
- envolva os pais e/ou o responsável tanto do agressor como da vítima;
- siga o processo regulamentar da escola e, sempre que for apropriado, notifique as autoridades competentes para a aplicação da lei;
- avalie o incidente para determinar se o mesmo pode indicar um problema mais profundo no ambiente escolar, ou a situação do agressor, que pode exigir medidas mais abrangentes; e
- promova debates no ambiente educativo sobre o incidente, mas não faça referência a vítimas ou agressores específicos sem a autorização das mesmas.

Estratégias para abordar incidentes antissemitas na sala de aula

O que fazer se...?

... encontrar uma suástica ou um símbolo com um significado semelhante (“88”) desenhado numa secretária da sua sala de aula?

Antes de mais, se um determinado aluno for o alvo do símbolo, este deve ser removido imediatamente depois de ser tirada uma fotografia para registo. Os professores devem falar com a vítima para saberem se foi ou não um incidente isolado. É possível que o aluno tenha sido alvo de intimidação ou assédio mais continuado.

A direção da escola deve ser informada sobre o incidente — um ato de vandalismo dos bens da escola — porque pode indicar que é necessário adotar uma dinâmica ao nível de toda a escola. A política da escola pode tratar este incidente como um caso de graffiti ou vandalismo. No entanto, o conteúdo também deve ser considerado, uma vez que pode indicar um incidente de ódio. Tenha em atenção que, em vários Estados participantes

na OSCE, este incidente pode constituir crime.

Fale com os seus colegas docentes através de uma reunião oficial de funcionários e/ou interações informais. Os seus colegas poderão não só apoiar uma nova iniciativa pedagógica, como também ficar atentos para acompanhar os desenvolvimentos caso o problema seja mais generalizado.

Os professores podem nem sempre ter consciência do significado do símbolo em questão: por exemplo, alguns sinais que indicam o apoio à ideologia nazi são codificados para evitar a deteção imediata.¹¹ Identifique oportunidades de formação local para educadores

que prestem apoio a professores no desenvolvimento de iniciativas pedagógicas de resposta a este tipo de incidentes. Se não estiverem disponíveis oportunidades de formação local, procure programas de formação online e explore as oportunidades oferecidas pela sociedade civil e pelas organizações não governamentais.

Considere envolver a turma ou toda a escola num projeto que ajudará a desenvolver uma interpretação do significado de símbolos como a suástica, associando o projeto aos valores escolares da igualdade, da diversidade e dos direitos humanos, e também aos perigos da exclusão.

Tenha em atenção que a remoção de uma suástica ou de outro graffiti sem dar uma resposta pedagógica pode resultar na reincidência do delito. Pode ser útil preparar-se para essa possibilidade juntamente com outros colegas da escola. Por exemplo, um grupo de artistas alunos de Berlim altera as suásticas através de uma pintura inteligente à volta das mesmas, para desfazer a sua mensagem de ódio.

FORTE: “Berlin street artist group cleverly undo swastika graffiti”, website da BBC, <<https://www.bbc.com/news/av/world-europe-40809266/berlin-street-artist-group-cleverly-undo-swastika-graffiti>>.

¹¹ A “Base de dados de símbolos de ódio” da Liga Antidifamação disponibiliza informações sobre símbolos que podem ter um significado oculto. Ver: Liga Antidifamação, “Hate Symbol Database”, <<https://www.adl.org/resources/hate-symbols/search>>.

Se souber quem desenhou a suástica, também terá a oportunidade de lidar mais diretamente com o comportamento do responsável. Podem existir muitas motivações por detrás do incidente. Sobre tudo quando tentam identificar-se com um grupo, os jovens podem utilizar símbolos sem terem plena consciência das conotações antisemitas dos mesmos. Outras pessoas podem utilizar conscientemente estes símbolos como códigos para identificar pessoas ou grupos que subscrevem ideologias antisemitas. Os símbolos antisemitas podem ser encontrados em imagens, números, letras, músicas ou frases, embora nem todos sejam

tão identificáveis como a suástica. O aluno tem plena consciência do significado do símbolo? Está a tentar chamar a atenção por outro motivo? O aluno foi exposto a influências extremistas violentas (por exemplo, grupos neonazis)?

... tiverem ocorrido atos de vandalismo antisemita na cidade/aldeia onde vive ou trabalha?

De acordo com o relatório anual da OSCE/ODIHR sobre crimes de ódio, dos 2140 incidentes antisemitas denunciados em 23 Estados participantes da OSCE em 2017, 1719 foram ataques contra a propriedade, nomeadamente em cemitérios,

sinagogas e memoriais do Holocausto, e também a bens pessoais. Estes atos, por vezes cometidos por crianças em idade escolar, são puníveis ao abrigo do direito penal nalguns Estados participantes, dependendo da extensão dos danos. São incidentes que devem ser geridos pelas instituições locais de aplicação da lei com o envolvimento dos líderes da comunidade judaica, caso estejam presentes. A polícia pode investigar para determinar se o vandalismo foi motivado por preconceitos e tratá-lo como um crime de ódio.¹²

Incidentes como estes têm um grande significado simbólico e também podem ter impacto na comunidade geral. Nos casos de profanação de cemitérios de judeus, por exemplo, muitas pessoas ficam chocadas ou indignadas. Se a cidade tiver um histórico direto associado ao Holocausto, o incidente pode evocar sentimentos de dor pessoal e recordações para algumas pessoas, exigir a outras uma autorreflexão incómoda e/ou criar tensão entre as

Os adultos assumem normalmente que o aluno que desenhou a suástica é racista, cheio de ódio ou que tem ligações a organizações extremistas. Embora isso possa ser verdade nalguns casos, a motivação do aluno também pode estar nas suas circunstâncias pessoais, na falta de compreensão ou sensibilidade relativamente ao significado dos símbolos, na pressão de grupo ou num desejo de chamar a atenção através da provocação ou agressão. Quando tiver uma compreensão melhor da motivação do aluno, poderá criar uma estratégia de resposta apropriada.

¹² Para obter mais informações sobre crimes de ódio, consulte o website da OSCE/ODIHR de relatórios sobre crimes de ódio, que contém informações sobre crimes de ódio facultadas pelos Estados participantes da OSCE, pela sociedade civil e por organizações intergovernamentais, categorizadas pelas motivações de preconceito que a OSCE/ODIHR foi mandatada para o registo em relatórios pelos Estados participantes, <<http://hatecrime.osce.org/what-hate-crime>>.

Atividade

Se for realizada uma vigília na cidade na sequência de um incidente antissemita, considere a possibilidade de levar a turma para demonstrar apoio às famílias e às pessoas que fazem parte da comunidade afetada.

Um projeto de reflexão ou artístico pode ser uma forma interessante de ajudar os alunos a processar os seus pensamentos e sentimentos através de um ensaio, poema, pintura ou escultura.

pessoas que estão dispostas a abordar a história local e quem prefere negá-la ou escondê-la.

Se os autores dos crimes tiverem alguma associação à escola — por serem ou terem sido alunos — e os investigadores estabelecerem que há uma motivação antissemita para o crime, então será o momento de refletir, em toda a escola, sobre o que poderia ter sido feito para evitar o crescimento deste ódio.

Para os professores, este tipo de incidente pode representar uma

valiosa oportunidade de aprendizagem. Os professores podem ajudar a orientar os alunos para que estes compreendam o que aconteceu e as diversas formas como as pessoas podem responder a um incidente deste tipo. Se um professor ou a escola lidar corretamente com o incidente, os alunos poderão desenvolver uma melhor compreensão dos seguintes aspetos:

- os conceitos de solidariedade para com as vítimas dos crimes de ódio e de coragem na defesa dos seus direitos, e exemplos destes conceitos no passado e no presente;
- a história local com uma ligação à história mais abrangente da Segunda Guerra Mundial;
- a diferença entre o direito de criticar os atos ou as políticas do governo do Estado de Israel e um ato que intimida, assedia ou ameaça a segurança dos judeus que vivem na localidade;
- os ritos de passagem, concretamente o significado dos ritos funerários e de enterro, para pessoas de diferentes culturas;

- os costumes e as contribuições da comunidade judaica local, no passado e no presente; e
- como a participação nas ações da comunidade, num esforço de recuperação dos danos, demonstra não só solidariedade como também reparação, e pode fortalecer a coesão comunitária.

Na sequência de um incidente deste tipo, recomenda-se que os professores orientem os alunos em atividades de autorreflexão e em pequenos grupos, para os apoiar no processamento do acontecimento. Ajudar os alunos a participar nestas atividades permite-lhes cimentar as suas competências de pensamento crítico e também a sua inteligência emocional.¹³ Ocorre uma aprendizagem mais aprofundada quando os alunos reconhecem os seus próprios sentimentos e os sentimentos dos outros sobre acontecimentos difíceis. Neste processo, podem mesmo identificar preconceitos ocultos que depois podem optar por transformar. Um exemplo de uma atividade de autorreflexão e em pequenos grupos é os alunos escreverem nos seus diários e depois partilharem esses pensamentos com os seus pares.

¹³ *Addressing Anti-Semitism Through Education: Guidelines for Policymakers, op. cit.*, nota 2, p.32.

Atividade

Ajude os alunos a refletir sobre os fatores que podem influenciar o comportamento humano e os acontecimentos, tanto no contexto histórico como no contemporâneo:

- peça aos alunos que investiguem um incidente histórico e um incidente antissemita no seu próprio país ou num país vizinho;
- num trabalho a dois ou em pequenos grupos, peça-lhes que identifiquem os diferentes pontos de vista das pessoas envolvidas no incidente; e
- promova um debate entre os alunos sobre:
 - escolhas e fatores que podem influenciar o comportamento das pessoas durante os incidentes;
 - o impacto do antissemitismo nas pessoas na sua própria sociedade e noutras sociedades;
 - as diferentes experiências e respostas dos homens e das mulheres ao antissemitismo;
 - as suas próprias respostas tanto ao antissemitismo histórico como ao antissemitismo contemporâneo; e
 - possíveis respostas ao antissemitismo contemporâneo (por exemplo, rejeitá-lo nos contextos público e privado, aprender a denunciar incidentes através dos mecanismos relevantes ou a enfrentar o antissemitismo online, ou mobilizar as outras pessoas para que sigam o seu exemplo e demonstrar solidariedade para com os visados).

... verificar que um aluno está a participar numa atividade com elementos antissemitas?

A adolescência é uma idade decisiva durante a qual os jovens se tornam mais independentes e começam a tomar as suas próprias decisões. Neste processo, podem desafiar as opiniões predominantes enquanto desenvolvem as suas, experimentar diversas identidades ou políticas, procurar objetivos para a sua vida e experimentar

várias estratégias para terem impacto no seu entorno. Por vezes, interpretam erradamente a agressão como força, ou procuram liderança e sentido de pertença em grupos e pessoas que partilham ideias ou ideologias específicas — por vezes extremistas e violentas.

Este processo pode ocorrer rapidamente ou mais gradualmente, e os resultados podem ser imprevisíveis. É especialmente verdade se o jovem não tiver familiares nem

O Instituto para o Diálogo Estratégico criou uma série de recursos educativos interativos e vídeos para apresentar narrativas que contrariam a propaganda extremista, com histórias de pessoas reais cujas vidas foram afetadas pelo extremismo:
<<https://extremedialogue.org/stories.html>>.

amigos que lhe demonstrem amor e segurança ou com os quais possa manter uma ligação em tempos difíceis, ou um professor que repare nas suas mudanças de comportamento ou na sua vulnerabilidade a influências externas.

Fale a sós com o aluno e tente descobrir por que motivos participou na atividade:

- Foi uma manifestação política em que alguns dos participantes gritaram slogans antissemitas? O que é que o aluno pensa sobre o que aconteceu?
- Será que o aluno participa regularmente nas reuniões de um grupo, e qual é o objetivo e quais são as atividades desse grupo? Trata-se de uma organização proibida/ clandestina ou de uma organização nacionalista popular apoiada por políticos de relevo?

Para combater os estereótipos, pode ser útil convidar representantes da comunidade judaica para a sala de aula. Por exemplo, um projeto alemão chamado “Rent a Jew” visa promover o contacto com o povo judeu e ultrapassar os preconceitos, ao possibilitar que voluntários judeus falem nas escolas, universidades e noutros locais.

Um projeto semelhante — Likrat — é focado na introdução dos alunos ao judaísmo e na promoção do diálogo intercultural, e está ativo em vários países, como a Áustria, Alemanha, Moldávia e Suíça.

Para obter mais ideias sobre como lidar com os estereótipos, consulte o material pedagógico n.º 3 do ODIHR, “Abordar preconceitos e estereótipos antissemitas”.

FONTE: “Germany’s ‘Rent a Jew’ Project Aims to Fight Anti-Semitism”, NBC News, 17 de dezembro de 2016, <<https://www.nbcnews.com/news/world/germany-s-rent-jew-project-aims-fight-anti-semitism-n695306>>; e “Likrat: Jugend & Dialog”, <<http://www.likrat.de/>>.

- Há alguma pessoa específica que se tenha tornado um ponto de referência ou mentor do aluno? Que tipo de modelo é esta pessoa e que tipo de ideias partilha com o aluno?

Se lhe parecer que o aluno se está a envolver num grupo ou numa ideologia de extremismo violento, partilhe o problema com a direção da escola e contacte a autoridade local que se encontre mais bem informada sobre as atividades de recrutamento dos grupos extremistas violentos na sua área. Essa autoridade dar-lhe-á aconselhamento sobre as medidas que deve tomar. Por outro lado, enquanto professor, pode

ajudar a consolidar a resiliência deste aluno e de outros para que resistam ou rejeitem ideias intolerantes e de ódio, através de atividades que desenvolvam o pensamento crítico e as competências de literacia mediática. As atividades que criar devem prever o respeito pelos valores dos direitos humanos e o princípio da não discriminação. O material pedagógico n.º 9 do ODIHR, “Lidar com o antissemitismo online”, também pode ser um recurso útil para reduzir a vulnerabilidade dos alunos às ideologias extremistas.

É possível que um professor reconheça que um aluno está a ser atraído por ideologias extremistas

ou que cometeu um ato antissemita, mas a política da escola não inclua instruções diretas sobre como proceder. A UNESCO criou recursos para lidar com o extremismo violento através e no âmbito da educação. Para obter mais informações, ver:

- *Preventing violent extremism through education: a guide for policy-makers* (Paris: UNESCO, 2017), <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247764>>.
- *A Teacher’s guide on the prevention of violent extremism* (Paris : UNESCO, 2016), <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244676>>.

... ouvir um dos seus alunos a dizer a outro: “Não sejas judeu, dá-me um pedaço da tua sandes!”?

A ganância do povo judeu é um estereótipo antigo. Este mito histórico contribuiu para o desenvolvimento de muitas expressões que se tornaram comuns na linguagem coloquial, como “to Jew down” (Estados Unidos), que significa negociar para conseguir o preço mais baixo; “manger en Juif” (França/Bélgica), que significa não partilhar; “jodenfooï” (Países Baixos), que significa uma gorjeta ou um

presente de uma pessoa que é avarenta com o seu dinheiro; “ne lész zsidó” (Hungria), que significa “não sejas judeu”; e o italiano “che rabbino!” (que rabino!), que significa que alguém é sovina. Isto demonstra o grande alcance dos estereótipos antijudaicos, baseados na ignorância ou compreensão incorreta das formas como a discriminação histórica afetou as comunidades judaicas.

Muitas vezes, estas expressões são consideradas inofensivas, mas na realidade moldam os preconceitos inconscientes das pessoas, fazendo com que a discriminação e o preconceito não sejam contestados. Além disso, estas expressões são normalmente prejudiciais para os alunos ou professores judaicos que as presenciam, embora nem sempre o admitam.

Numa aula, os professores podem envolver a turma num debate sobre

o poder da linguagem e dos estereótipos. Este debate pode incluir uma análise dos estereótipos associados a vários grupos de pessoas. Convide os alunos a falar sobre o que sentem quando um estereótipo nocivo é direcionado a um grupo a que pertencem. Também pode ser útil explorar as origens históricas dos estereótipos mais enraizados, como o “judeu ganancioso”, mas é fundamental desconstruir estas ideias estereotipadas com os alunos, se forem usadas.

Há muitas outras atividades que os professores podem realizar para prevenir e ultrapassar os preconceitos, como organizar experiências culturais positivas ou apresentar imagens que contrariem os estereótipos através da literatura ou de outros projetos na aula. O material pedagógico n.º 3 do ODIHR, “Abordar preconceitos e estereótipos antissemitas”, apresenta mais ideias sobre esta matéria.

... uma ideia antissemita for divulgada através de um evento ou manual oficial da escola?

Nalguns países, não é raro que uma tradição local inclua uma referência a um estereótipo antigo, como um espetáculo moderno de marionetas que represente um judeu como o Diabo.¹⁴ Também não é raro surgirem estereótipos em manuais escolares obsoletos, por exemplo, um manual de estudos religiosos que responda à pergunta “Quem traiu Jesus?” com “os judeus”.¹⁵ O ideal é que os responsáveis competentes em matéria de educação atualizem regularmente os manuais e as atividades escolares com base nos compromissos assumidos pelos Estados participantes da OSCE no sentido de promover os direitos humanos e a não discriminação.¹⁶

Os professores devem estar atentos aos estereótipos, às representações

¹⁴ Por exemplo, na Lituânia. Ver: Laima Anglickienė, “Judėjo įvaizdis lietuvių folklore: viduramžiškų prietarų atspindžiai [A imagem do judeu no folclore lituano: Reflexos dos mitos medievais]”, *Tautosakos darbai XXI (XXVIII)*, 2004, pp. 41–53, <http://www.ilti.lt/failai/e-zurnalai/TD28/05_2%20Anglickiene.pdf>.

¹⁵ Para consultar um estudo dos catecismos francês, italiano e espanhol, ver: Maria Brutti, “Jews and Judaism in European Catholic Catechisms and Textbooks”, *Studies in Christian-Jewish Relations*, Vol. 4, 1.ª edição, 2009, <<https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/scjr/article/view/1538/1392>>.

¹⁶ Os Estados participantes da OSCE comprometeram-se repetidamente com estes princípios. Ver: Conferência da OSCE sobre a dimensão humana da OSCE, Documento de Copenhaga, Copenhaga, 29 de junho de 1990, parte II, pontos 9.1, 10 e 10.2, e parte IV, pontos 32, 40, 40.1, 40.3, 40.4, 40.5 e 40.6, <<https://www.osce.org/odihr/elections/14304>>.

erradas e aos preconceitos que podem ofender ou estigmatizar os alunos judeus ou de outros grupos. Os professores devem abordar os materiais educativos problemáticos incluídos no currículo oficial ou não oficial junto da direção da escola, que poderá trabalhar para garantir que deixam de ser incluídos. Podem também estar incluídas no currículo figuras importantes que propagaram opiniões antissemitas, embora o seu antissemitismo possa não ser muito conhecido.¹⁷ Se o currículo exigir a inclusão de figuras históricas ou histórias antissemitas, deve reconhecer esses aspetos problemáticos ou incorretos e também os valores positivos dessa mesma figura ou história. O material pedagógico n.º 7 do ODIHR, “O antissemitismo e o discurso da memória nacional”, apresenta mais ideias sobre como abordar este assunto.

O diálogo colaborativo e aberto entre educadores, direção escolar, decisores políticos e autores de manuais escolares é importante, já que pode motivar as autoridades educativas a tomar medidas para remover o antissemitismo presente nos currículos e manuais escolares autorizados, ou para verificar se o antissemitismo está a ser desconstruído de forma eficaz pelos professores nas suas salas de aula. Procure formas institucionais de conseguir envolver-se de modo mais aprofundado, enquanto educador, no debate sobre as revisões dos manuais escolares do seu país.

... um aluno cometer um ato violento possivelmente motivado pelo antissemitismo?

A intimidação pode assumir uma dimensão física e pode evoluir para a violência ou até para um

crime de ódio. Um crime de ódio é um ato criminoso motivado por um preconceito contra a identidade da vítima.¹⁸ Nestes casos, é necessário envolver a direção da escola e possivelmente também as autoridades, e falar com os pais ou tutores dos alunos envolvidos.

As implicações legais dos ataques com motivação preconceituosa devem ser explicadas aos alunos. Uma vez que nem todos podem estar cientes de que este tipo de ataques pode figurar no seu registo criminal. No entanto, a violência nas escolas não pode ser tolerada e, se um aluno tiver cometido um ato violento, tem de ser responsabilizado. Por este motivo, deve ser implementada uma política escolar para lidar com os casos de violência contra funcionários e alunos.

¹⁷ Por exemplo, os Irmãos Grimm, Martinho Lutero, Voltaire e T.S. Eliot são figuras históricas conhecidas pelas suas opiniões antissemitas.

¹⁸ Website de relatórios sobre crimes de ódio da OSCE/ODIHR, *op. cit.*, nota 12.

Recursos e materiais para leitura complementar

Para saber mais sobre o que constitui um crime de ódio, consulte o website de relatórios sobre crimes de ódio da OSCE/ODIHR:

[<https://hatecrime.osce.org/>](https://hatecrime.osce.org/).

Para obter mais informações sobre como reconhecer e confrontar os graffiti de ódio, consulte o “Folheto sobre graffiti” da United Against Racism:

http://www.unitedagainstracism.org/wp-content/uploads/2014/05/GraffitiLeaflet_GB.pdf.

Seguem-se alguns exemplos de projetos cuja finalidade é combater os estereótipos entre os alunos:

- Likrat Leadership and Dialogue Project, <http://www.likrat.ch/en/>;
- Jødiske veivisere (Judeus Pioneiros), <https://www.xn--jdedommen-l8a.no/jodiske-veivisere/>;
- Projeto “Rent a Jew”, <https://rentajew.org/>; e
- Haver Informal Jewish Educational Foundation, <http://haver.hu/english/>.

Para consultar uma avaliação da eficácia dos diferentes tipos de estratégias anti-intimidação, ver: Rachel C. Vreeman e Aaron E. Carroll, “A Systematic Review of School-Based Interventions to Prevent Bullying”, *The Journal of the American Medical Association*, Vol. 161, 1.ª edição, janeiro de 2007, pp. 78–88.

Para obter mais informações sobre as diferenças e semelhanças nos comportamentos físicos, estilos de interação social, motivações académicas, outros comportamentos e escolhas dos alunos do sexo feminino e masculino, ver: Kelvin Seifert and Rosemary Sutton, “Educational Psychology”, Capítulo 4: Student Diversity, Gender differences in the classroom”, segunda edição, 2009, p. 66-85,

<http://home.cc.umanitoba.ca/~seifert/EdPsy2009.pdf>.

Para consultar um relato dos incidentes de ódio registados nas escolas dos Estados Unidos, ver: Coshandra Dillard, “Hate at School: A Back-to-School Look at the Past Year”, *Teaching Tolerance*, 10 de agosto de 2018, <https://www.tolerance.org/magazine/hate-at-school-a-backtoschool-look-at-the-past-year>.

Para obter planos de aula sobre como lidar com incidentes antissemitas, ver: Adrienne van der Valk, «Learn Something New Every Day», 28 de fevereiro de 2017,

<http://www.tolerance.org/magazine/learn-something-new-every-day>.

